



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço em homenagem à Sua Majestade, o Rei Abdullah II, da Jordânia**

**Palácio Itamaraty, 23 de outubro de 2008**

**Presidente:** O que vocês querem saber?

**Jornalista:** O governador Aécio falou sobre a reunião com o senhor, que o senhor contou para ele que o Banco do Brasil poderá investir no setor automotivo para ter financiamento para comprar carro, inclusive até comprar uma financeira. É verdade isso?

**Presidente:** Veja, não é investir no setor automotivo. A decisão está contida na medida provisória que foi assinada, que facilita tanto ao Banco do Brasil quanto à Caixa Econômica poderem adquirir bancos. E obviamente que o Banco do Brasil não tem *expertise* para fazer financiamento de automóveis, teria que ter parceria com um banco de investimento que tivesse *expertise* em financiamento de automóveis para poder fazê-los.

E por que nós tomamos essa decisão? Porque a indústria automobilística tem uma cadeia produtiva extraordinária, e nós não queremos que a indústria automobilística deixe de ser um dos carros-chefes da economia brasileira. Por isso que nós tomamos, e está contida na medida provisória que foi mandada...

**Jornalista:** Qual será a financeira?

**Presidente:** Nós não sabemos. Não somos o Banco do Brasil, aí é de interesse...



**Jornalista:** O senhor anunciou três medidas...

**Presidente:** As medidas que nós tomamos foram medidas meditadas, pensadas de forma muito articulada. Eu sei que tem gente que às vezes pergunta: “Mas como? O Presidente anunciou a medida provisória ontem e não surtiu nenhum efeito”. Se eu pudesse fazer uma medida provisória e resolver o problema no dia seguinte, certamente eu seria contratado para resolver o problema da crise mundial.

A medida provisória, ela tem, primeiro, o cuidado de ser muito cautelosa. Ela permite que a gente vá resolvendo os problemas na medida em que eles estejam acontecendo, antecipando alguns problemas. Nós já tínhamos tomado medidas anteriores. E esse conjunto de medidas vai surtindo efeito ao longo do tempo.

**Jornalista:** O governo (inaudível) tantas medidas quanto necessárias, independente das críticas da oposição?

**Presidente:** Veja, serão feitas quantas medidas foram necessárias. Eu não posso ficar preocupado com os gritos da oposição, porque tudo o que a oposição deseja é que o Brasil entre numa crise profunda para eles poderem ter razão no discurso deles.

Eu continuo dizendo para vocês que não haverá nenhuma obra do PAC paralisada por conta da crise, que não haverá nenhuma grande obra de infraestrutura que estamos fazendo (paralisada) por conta da crise. Porque eu já tomei uma determinação: para enfrentar uma crise que não se originou no Brasil, mas se originou no centro do capitalismo mundial, a única solução e a melhor solução é mais produção, mais investimento em obras de infraestrutura, e é continuar fazendo com que o dinheiro circule neste país, para



que as pessoas tenham acesso a produtos e, conseqüentemente, possam ajudar a desenvolver a indústria brasileira. É assim que a gente vai tratar, com os cuidados...

**Jornalista:** A “443” não socializa as perdas, Presidente?

**Presidente:** Não, pelo contrário. Nós não estamos dando dinheiro para qualquer empresa, para qualquer banco. E não vamos dar dinheiro. É importante saber que quem errou pagará pelo seu erro. O que o governo pode fazer, em alguns momentos, é comprar ações e, na medida em que a empresa se recupere, possa vender as ações de volta. Nós não vamos dar dinheiro porque não vamos favorecer quem fez especulação.

**Jornalista:** E quantas empresas estão (inaudível), Presidente?

**Presidente:** Veja, eu não sei quantas empresas. Quero dizer para vocês que nós não vamos ajudar empresas, ou seja, o governo está dispondo crédito para resolver o problema de liquidez, tanto com os compulsórios quanto com parte das reservas via Banco do Brasil. E nós esperamos que na medida em que as decisões tomadas na Europa, nos Estados Unidos, na Inglaterra, porque são duas medidas diferenciadas: uma da Inglaterra e outra dos países do euro. Ou seja, na medida em que as medidas que eles tomaram comecem a entrar em vigor, a serem regulamentadas, nós entendemos que haverá um rebaixamento de tensões, de especulação psicológica e eu diria até de pânico, que vai se criando, por uma quantidade enorme de notícias sobre a crise.

**Jornalista:** O dinheiro ainda não chega...

**Presidente:** Veja, no caso do Brasil, nós vamos continuar trabalhando com a



tranquilidade que estamos trabalhando. Eu tanto digo para os trabalhadores continuarem comprando as coisas que têm que comprar, como digo para os empresários continuarem investindo nos projetos que tinham decidido investir.

Além disso ser importante para o crescimento da economia do Brasil e para a manutenção da estabilidade econômica e do controle da inflação, tem um ingrediente, eu diria, extraordinário: é que se nós tivermos o cuidado no tratamento dessa crise, na hora em que essa crise acabar o Brasil certamente também estará mais preparado para dar um salto de qualidade, porque isso vai ser levado em conta na hora em que a economia retomar a sua solidez.

Daí porque eu estou tratando isso com uma certa tranquilidade, com a preocupação normal de quem vê o mundo inteiro nervoso. Ontem eu conversei com o Primeiro-Ministro da Austrália, ontem conversei com o presidente Bush, hoje de manhã conversei com a Argentina. Ou seja, nós temos que tomar todas as medidas, e todas elas com o cuidado e o carinho necessários, para que a gente vá evitando que essa crise traga transtorno maior à economia real.

Eu estou convencido de que parte dessa crise financeira os ricos têm que resolver. Eu confesso a vocês que fico extremamente irritado quando vejo a notícia no jornal de que o risco-Brasil cresceu quando, na verdade, o que deveria crescer era o risco da Inglaterra, o risco da Alemanha, o risco dos Estados Unidos, porque foi lá que o sistema financeiro quebrou, foi lá que teve o problema. Agora, como é que é o risco-Brasil que aumenta, e nos países que são o cerne da crise ninguém publica que houve aumento de risco?

Então, o Brasil continua com a sua solidez. Vamos continuar controlando a inflação, vamos continuar controlando a estabilidade econômica, vamos continuar fazendo apenas os gastos necessários que temos que fazer, mas vamos continuar fazendo todas as obras de infra-estrutura de que o Brasil precisa.

**Jornalista:** Mas o crédito não está chegando ao consumidor.



**Presidente:** Vejam, esse é um problema que nós temos. E aí o ministro Guido Mantega, o Presidente do Banco Central já têm a orientação de chamar os bancos que têm a responsabilidade com o crédito e conversar com os bancos, porque não há nenhuma razão para que os bancos parem abruptamente qualquer política de financiamento. Nenhuma!

Da parte do governo, nós estamos liberando o compulsório para facilitar a vida dos bancos a fazerem os empréstimos necessários e o financiamento. Acho que as empresas do comércio varejista têm que continuar vendendo. Porque eu aprendi – mais uma vez falando de futebol – que a melhor defesa é o ataque. E nesse momento o Brasil tem que ir para o ataque e fazer as coisas acontecerem.

(\$31EGJLP)